



Análise do perfil funcional de comunicação de um grupo de mães e crianças com síndrome de Down

Analysis of functional communication profile of a group of mothers and children with Down syndrome

Análisis del perfil de comunicación funcional de un grupo de madres y niños con síndrome de Down

Letícia Viana Pereira*
Erika Maria Parlato Oliveira**

Resumo

Introdução: As características genéticas não predizem nem determinam o grau de eficiência do uso da linguagem pelo sujeito. As influências do meio são de extrema importância no desenvolvimento da linguagem. Na síndrome de Down (SD) o desenvolvimento da linguagem é uma das condições prejudicadas. **Objetivo:** Verificar o desempenho comunicativo de mães e crianças com SD, por meio do Perfil Funcional da Comunicação. **Métodos:** Estudo analítico transversal; descrição de atos e funções comunicativas. Participaram desta pesquisa 30 crianças de cinco a dez anos, de ambos os sexos. A coleta de dados ocorreu a partir de uma situação espontânea de interação entre mãe e filho. Posteriormente realizamos uma análise para traçar o perfil comunicativo dos envolvidos. **Resultados:** As crianças realizaram em média 10 atos comunicativos por minuto; o meio comunicativo mais utilizado foi o “gestual” e as funções comunicativas mais frequentes foram “reconhecimento do outro”, “comentário” e “jogo”. As mães realizaram 12 atos em média por minuto; utilizaram-se mais do meio comunicativo “verbal”, e as funções comunicativas mais frequentes foram: “comentário”, “pedido de ação” e “pedido de informação”. **Conclusão:** Após verificação do perfil funcional da comunicação das mães de crianças com SD, foi possível observar que este se modifica diante da dificuldade linguística dos filhos. Acredita-se, também, que orientações terapêuticas devem ser dadas para favorecerem o desenvolvimento efetivo da linguagem na SD no meio familiar.

Palavras-chave: linguagem infantil; Síndrome de Down; relações familiares.

**Fonoaudióloga, Especialista em Linguagem pelo Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais. **Fonoaudióloga, Professora Adjunta da Faculdade de Medicina, Departamento de Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.*



Abstract

Introduction: The genetic characteristics do not predict or determine the efficiency of the use of language by subject. The environment influences are of utmost importance on the language development. In Down syndrome (DS) language development is one of the impaired conditions. **Objective:** To build a communicative profile of children with DS and their respective mothers. **Methods:** Cross-sectional study; description of acts and communicative functions. 30 children from five to 10 years, both sexes, took part on this research. Data collection was conducted from a spontaneous interaction situation between mother and child. Then we conducted a descriptive analysis to build the communicative profile of the participants. **Results:** Children presented 10 communicative acts per minute on average; the gestures were the most common way they used to communicate themselves and the “recognition of the other”, the “commentary” and the “game” were the communicative functions used more often. The mothers had 12 acts per minute on average; used mostly the speech to communicate themselves and the “commentary”, “request for action” and “request for information” communicative functions. **Conclusion:** After verifying the functional communicative profile of mothers of children with DS, it was observed that this is changed before the linguistic difficulty of the children. Treatment guidelines should be given in order to benefit language development in the family environment of children with DS.

Keywords: child language; Down Syndrome; family relations.

Resumen

Introducción: Las características genéticas no predicen la eficiencia de la utilización del lenguaje por el sujeto. Las influencias del medio ambiente son de extrema importancia para el desarrollo del lenguaje. En la síndrome de Down (SD) el desarrollo del lenguaje es una de las condiciones deterioradas. **Objetivo:** Investigar la actuación comunicativa de madres y de niños con síndrome de Down, por el medio del Perfil de Comunicación Funcional. **Métodos:** Estudio analítico transversal; descripción de actos y funciones comunicativas. Participaron de la investigación 30 niños de cinco a 10 años, de ambos sexos. Los datos fueron colectados a partir de una situación de interacción espontánea entre la madre y el niño. Posteriormente se realizó una análisis para establecer el perfil comunicativo de los involucrados. **Resultados:** Los niños realizan una media de 10 actos comunicativos por minuto, y utilizan el modo “gestual” con más frecuencia. Las funciones comunicativas más utilizadas fueron “reconocimiento del otro”, “comentarios” y “juego”. Las madres tuvieron una media de 12 actos por minuto, y utilizaron el modo “verbal” con más frecuencia. Las funciones comunicativas más utilizadas fueron: “comentario”, “llamada a la acción” y “solicitud de información”. **Conclusión:** Después de verificar el perfil comunicativo funcional de las madres de los niños con síndrome de Down, se observó que este se cambia perante la dificultad lingüística de los hijos. La intervención debe fomentar el desarrollo del lenguaje eficaz en SD con ayuda de la familia.

Palabras clave: lenguaje infantil; Síndrome de Down; relaciones familiares.

Introdução

Pode-se assumir que a linguagem se desenvolve e se aprimora na interação do sujeito com o seu entorno, além da condição genética estabelecida. Essa relação, aparentemente simples, envolve participação ativa do meio no processo de aquisição e desenvolvimento das habilidades de linguagem,

o que torna o assunto importante para aqueles que participam e lidam com o desenvolvimento infantil.

O conhecimento do componente genético não prediz nem determina o grau de eficiência do uso da linguagem pelo sujeito. Atualmente, a epigenética mostra que, embora exista uma condição genética, a capacidade de resposta pode ser influenciada de acordo com as possibilidades do meio. Segundo

estudos, a criança aprimora a linguagem à medida que é requisitada e que interage com o outro, adequando cada vez mais o seu modo de transmitir ideias, desejos, no intuito de ser compreendida e socializada¹⁻⁴.

O ambiente familiar é a principal fonte de recursos a que a criança recorre para lidar com situações problemas, desafios do processo de aprendizado e integração à sociedade. Portanto, a família é aliada importante no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Um ambiente familiar com caráter sociocultural, que incentive as descobertas da criança, dando-lhe autonomia, oferecendo diferentes possibilidades de aprendizado, favorecerá o desenvolvimento cognitivo e linguístico⁵⁻⁸.

Pensando a importância do meio no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, é preciso evidenciar que a interação familiar e o tipo do discurso que os pais direcionam aos filhos, poderão interferir no desempenho comunicativo das crianças. A maneira em que se dão as trocas comunicativas em âmbito familiar influencia no desenvolvimento da linguagem.

Pesquisas apontam a existência de padrões de estilo da fala materna para situações específicas, levando-se em consideração a idade da criança, capacidade cognitiva e sua desenvoltura linguística. Esses padrões influenciam no comportamento comunicativo que a criança apresentará no decorrer da vida^{9,10}.

Pela experiência clínica, observa-se que mães de crianças com desenvolvimento atípico dirigem-se aos seus filhos de maneira mais diretiva, sem contextualização semântica, focando principalmente na nomeação de pessoas e objetos. Esse discurso é passível de ser verificado inclusive no momento da brincadeira, onde a troca comunicativa acaba se transformando numa brincadeira com intuito pedagógico, inibindo a criança de manifestar sua criatividade e condutas simbólicas.

A bibliografia estudada sugere uma separação didática do estilo do discurso dos pais com seus filhos em: pais elaborativos e pragmáticos. Os pais elaborativos são mais narrativos, constroem narrativas completas, com a temporalidade bem marcada e vocabulário extenso. Já os pais pragmáticos se concentram repetidamente na nomeação de objetos e pessoas, e direcionando o discurso dos filhos¹¹.

Segundo estudos, mães com interações positivas, mais responsivas e menos inclinadas a dar

ordens, favorecem o desenvolvimento comunicativo de seus filhos e o oposto ocorre com as que apresentam interações negativas ou proibitivas¹¹.

Dentre as síndromes atendidas na fonoterapia, a Síndrome de Down (SD) é uma das mais frequentes, e de acordo com os sinais e sintomas fonoaudiológicos, o desenvolvimento da linguagem é uma das condições prejudicadas nestes casos⁵.

Para lidar de maneira efetiva com os problemas apresentados na SD, no contexto da clínica-ambiente familiar, devemos nos basear em pressupostos teóricos que sejam capazes de instrumentalizar os profissionais com recursos adequados à natureza do processo envolvido.

Ao considerar crianças com deficiência, a intervenção deve considerar a família como peça terapêutica. É no ambiente familiar que a criança fará suas primeiras aquisições e receberá influências importantes, que poderão determinar as características individuais apresentadas ao longo da vida^{6,7,12,13}.

Com o intuito de verificar o perfil comunicativo de mães e crianças com SD, visto a importância que este representa para o desempenho e comportamento comunicativo das crianças, realizou-se uma descrição dos atos e funções comunicativas de mãe e filho através do Perfil Funcional da Comunicação.

Material e Método

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foi proposto um estudo analítico de corte transversal, no qual verificou-se o desempenho comunicativo de mães de crianças com SD e seus respectivos filhos.

Sujeitos

Participaram desta pesquisa uma amostra composta por 30 crianças de ambos os sexos e suas mães, selecionadas aleatoriamente entre as que recebem atendimento na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE), no município de Belo Horizonte (BH), estado de Minas Gerais (MG).

Para a formação do grupo foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: famílias com criança com SD com idade de cinco anos a 10 anos e 11 meses, frequentadoras da APAIE - BH, cujas mães acompanhavam a criança no atendimento e que aceitaram participar da pesquisa.

Foram excluídas da pesquisa: famílias cujas crianças apresentavam idades inferior ou superior à idade selecionada para o projeto, famílias cujas crianças apresentassem outro quadro clínico em co-morbidade com a síndrome, famílias cujas mães não acompanhassem a criança no atendimento e famílias que não aceitaram participar da pesquisa.

A faixa etária e o nível de escolaridade das mães, assim como as condições socioeconômicas das famílias não foram considerados nesta pesquisa. Não obstante, sabe-se que todas as famílias atendidas na APAE são oriundas de classes sociais menos favorecidas e que chegam ao serviço através de encaminhamentos realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Material

Os materiais utilizados foram: uma filmadora *Sony Cyber Shot DSC-W510*, protocolo para transcrição dos dados e descrição dos atos e funções comunicativas, através do Perfil Funcional da Comunicação¹⁴.

Para a situação de interação espontânea entre mãe e filho(a) foram utilizados brinquedos específicos: miniaturas de animais da fazenda e da selva, miniaturas de meios de transporte, uma boneca, acessórios de cabelo e pulseiras, jogo de encaixe, miniaturas de alimentos, utensílios de cozinha, lápis de cor, giz de cera e folha de papel ofício branca.

Procedimento

Realizou-se uma filmagem de 30 minutos ininterruptos de interação entre mãe e criança, brincando com os brinquedos previamente selecionados seguindo sugestões do teste utilizado. Foram analisados os 15 minutos iniciais de interação entre mãe e filho. Em artigos científicos nos quais se utilizou a mesma metodologia de análise do Perfil Funcional da Comunicação em crianças com SD, não há referência a diferenças significativas relacionadas às amostras com diferentes tempos de duração de filmagem. Diante dessas conclusões, analisou-se 15 minutos iniciais da filmagem, sem prejuízo da qualidade e da fidedignidade das respostas¹⁶. A descrição dos atos e funções comunicativas¹⁵ utilizada tem como objetivo analisar os aspectos funcionais da comunicação, a partir das habilidades da criança para usar a linguagem com funções comunicativas. Nesse teste avaliam-se aspectos linguísticos e não linguísticos da comunicação através dos meios comunicativos utilizados; meio “verbal” (palavra),

“vocal” (vocalização – uso exclusivo de vogais) ou “gestual”. O protocolo envolve 20 categorias para a identificação das funções comunicativas da criança, a saber:

- pedido de objeto;
- reconhecimento do outro;
- exclamativa;
- expressão de protesto;
- protesto;
- performativa;
- narrativa;
- pedido de rotina social;
- comentário;
- não focalizada;
- pedido de ação;
- exibição;
- jogo compartilhado;
- reativa;
- pedido de informação;
- nomeação;
- exploratória
- pedido de consentimento;
- auto-regulatório;
- jogo.

Deve-se assinalar que meio comunicativo e função comunicativa o sujeito utilizou para expressar cada ato comunicativo, dentre as vinte categorias descritas acima. As análises foram realizadas por duas pesquisadoras, separadamente, objetivando uma interpretação final de consenso entre ambas.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob o parecer número 602/09. O estudo foi desenvolvido, portanto, mediante a análise pragmática de mãe e filho em um momento de interação espontânea. Todas as famílias participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise dos resultados

Após a filmagem, todos os dados foram transcritos em protocolos específicos e analisados usando os procedimentos descritos pelo Perfil Funcional da Comunicação utilizado¹⁴.

Realizou-se uma análise quantitativa descritiva dos dados disponíveis, a fim de caracterizar o perfil comunicativo utilizado por mãe e criança em momento de interação espontânea.

Resultados

O Perfil Funcional da Comunicação é baseado nos aspectos funcionais da comunicação, verifica os usos da linguagem. Os resultados obtidos na análise do vídeo definiram os dados do perfil comunicativo e se referem: **ao meio pelo qual o ato comunicativo é expresso** (vocal, verbal e gestual); **às funções comunicativas** (ação utilizada pelo sujeito para se comunicar); **aos números de atos comunicativos por minuto** (quantidade de atos expressos na interação entre interlocutores, até o final do vídeo); **ao percentual de atos comunicativos expressos pela**

criança e pelo adulto (espaço de comunicação que o sujeito possui para se expressar).

Verificou-se que a maioria dos atos comunicativos foram eliciados pelo adulto, o que corresponde a 55% dos atos comunicativos. Das 30 crianças que participaram da pesquisa, somente nove (30%) ocuparam maior espaço de tempo na interação com adulto. Nas outras 21 crianças (70%), o adulto ocupou maior espaço de tempo na interação com a criança.

A figura 1 mostra o número de atos comunicativos por minuto da criança e do adulto, para uma melhor visualização da afirmação anterior.

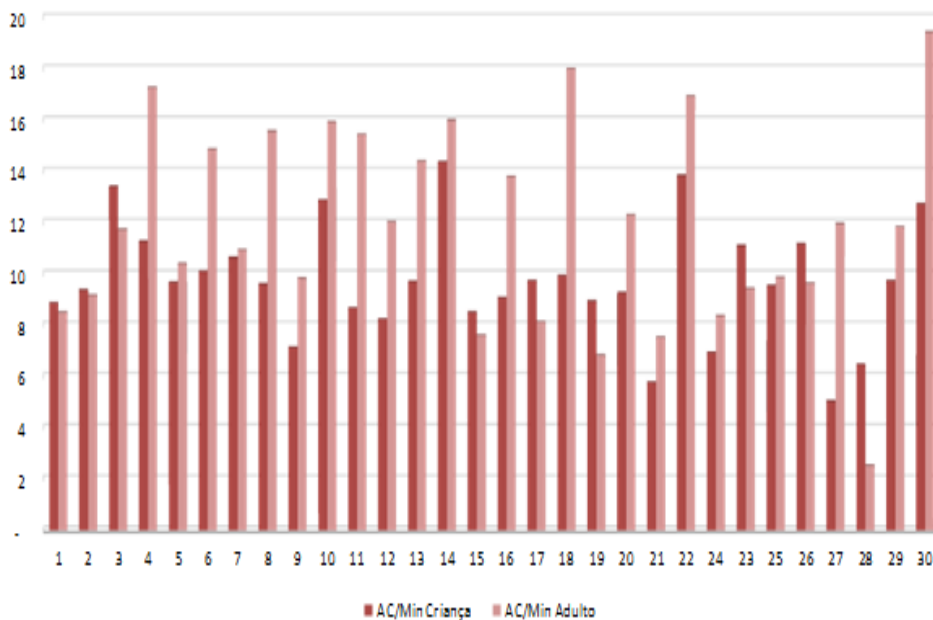


Figura 1 - número de atos comunicativos por minuto da criança e do adulto

Legenda: Atos comunicativos por minuto da criança – AC/Min Criança
Atos comunicativos por minuto do adulto – AC/Min Adulto

As caracterizações do perfil comunicativo obtido pela mãe e criança estão apresentadas nas tabelas 1 e 2, a seguir. Verifica-se na tabela 2, a porcentagem dos meios comunicativos utilizados pela criança, e observa-se que o meio “gestual” seguido do “vocal” foram os mais utilizados. Das 20 funções comunicativas descritas pelo protocolo, observamos que pelo menos duas não foram utilizadas pelas crianças, perfazendo uma média

14 funções comunicativas usadas. Das funções utilizadas em contexto de interação entre criança e adulto, foi possível verificar que as funções de “reconhecimento do outro”, “comentário”, “jogo” e “exploratório” foram as quatro mais utilizadas. O que faz refletir sobre a falta de iniciativa da criança na interação, e o pouco uso de funções mais elaboradas que demonstrem maior domínio das habilidades linguísticas.

Tabela 1 - perfil comunicativo das crianças avaliadas

Perfil Comunicativo das crianças							
	Atos comunicativos	Atos comunicativos/min.	Meios comunicativos			Nº funções comunicativas utilizadas	Funções comunicativas mais utilizadas
			Vocal	Verbal	Gestual		
Total geral	8.718	291	11,7%	29,7%	58,6%	18	
Mínimo	150	5	0,3%	0,7%	46,0%	11	ro, c, j, xp, ep, re, n, pi, jc
Máximo	430	14	35,0%	38,3%	98,7%	18	
Média	291	9,7	11,7%	29,7%	58,6%	14	

Legenda: Funções Comunicativas: **ro** – Reconhecimento do Outro; **c** – Comentário; **j** – Jogo; **xp** – Exploratória; **ep** – Expressão de Protesto; **re** – Reativos; **n** – Nomeação; **pi** – Pedido de Informação; **jc** – jogo compartilhado.

Tabela 2 - perfil comunicativo dos adultos avaliados

Perfil Comunicativo das crianças							
	Atos comunicativos	Atos comunicativos/min.	Meios comunicativos			Nº funções comunicativas utilizadas	Funções comunicativas mais utilizadas
			Vocal	Verbal	Gestual		
Total geral	10.658	355	50,2%	2,5%	47,3%	16	
Mínimo	75	3	35,8%	0,3%	25,2%	8	c, pi, pa, ro, n, pr, xp, ar, ex
Máximo	582	19	71,9%	9,1%	57,6%	16	
Média	355	12	50,2%	2,5%	47,3%	12	

Legenda: Funções comunicativas: **c** – Comentário; **pi** – Pedido de informação; **pa** – Pedido de ação; **ro** – Reconhecimento do Outro; **n** – Nomeação; **pr** – Protesto; **xp** – Exploratório; **ar** – Auto-regulatório; **ex** – Exclamativo.

Observa-se que o meio comunicativo mais utilizado pelas mães foi o “verbal” e o “gestual”. Verificamos menos funções comunicativas utilizadas pelas mães, perfazendo-se uma média de 12. Em relação às funções comunicativas, observa-se, com maior frequência, o uso das funções de “comentário”, “pedido de informação”, “pedido de ação” e “reconhecimento do outro”, por parte das mães, o que demonstra uma maior tomada de iniciativa por parte das mães na interação.

No total da interação adulto-crianças foram utilizados 19.376 atos comunicativos, sendo 8.718 (45%) atos comunicativos utilizados pelas crianças e 10.658 (55%) utilizados pelos adultos. No geral, observa-se que o adulto utilizou mais atos comunicativos do que a criança. Apenas nove crianças utilizaram mais atos comunicativos que os adultos.

Das 30 crianças participantes do estudo, o número de atos comunicativos entre elas variou de 150 a 430 atos utilizados, ou seja, a criança que menos utilizou atos comunicativos utilizou 150 atos

e a que mais utilizou atos comunicativos utilizou 430 atos. O grupo obteve uma média de 291 atos comunicativos por minuto. Já entre os adultos, o número de atos comunicativos variou de 75 a 582, com uma média de 355 atos comunicativos por minuto.

Atenção para o fato de que a função “Pedido de Rotina Social” não foi utilizada por nenhuma das crianças ou mães deste estudo, sendo assim, das 20 funções existentes, 19 foram utilizadas neste estudo.

Discussão

O perfil funcional da comunicação de crianças com SD e de suas respectivas mães permitiu entender como se dão as trocas comunicativas entre mãe e filho. Foi possível investigar o uso da linguagem em um contexto espontâneo, e assim obter informações que nos permitam delinear uma conduta terapêutica adequada.

Em um primeiro momento, foi possível observar que 30 minutos de interação com os filhos era demasiado tempo para as mães, elas queixaram-se com a pesquisadora e demonstraram-se cansadas no decorrer da filmagem. Isso reflete, provavelmente, o que ocorre em âmbito familiar. Diante das dificuldades da criança, o comportamento materno se modifica. As mães de crianças com SD são mais diretivas no discurso oral, têm pouca expectativa em relação a seus filhos, e reproduzem tais padrões nas diferentes idades. Comportamentos assim comprometem as possibilidades de exploração e ampliação das representações que a criança faz do entorno. O desejo das mães em mudar e moldar comportamentos dos filhos com SD justifica, por vezes, as dificuldades maternas para participar de interações prazerosas com seu filho¹⁵.

Em relação ao tempo ocupado na interação criança/adulto, verifica-se uma tendência das mães em ocupar maior o tempo da interação. Mesmo com uma diferença percentual de somente 10%, chama a atenção quando se observa que apenas nove crianças se sobressaíram ocupando maior tempo na interação. Em relação à ocupação do tempo no diálogo, trata-se da participação do adulto ou da criança na interação. Provavelmente, na tentativa de suprir as dificuldades intelectuais dos filhos, as mães tendem a direcionar a brincadeira, ocupando

maior tempo na interação, o que pode, por vezes, impedir as crianças de se manifestarem.

Com a análise descritiva detalhada observa-se que o meio comunicativo mais utilizado pelas mães foi o “verbal” e o “gestual”. O que de fato já era esperado, uma vez que adultas saudáveis utilizam-se mais da fala inteligível para realizarem qualquer troca comunicativa. O modo “gestual” vem para complementar a informação, e garantir que a mensagem seja direcionada adequadamente.

Já na análise das crianças, o meio comunicativo “gestual” foi o mais utilizado. Artigos buscam justificativas para o uso demasiado dos gestos por crianças com SD. Características comportamentais específicas da SD influenciam a produção oral. A hipotonia muscular, aspectos práticos de motricidade fina orofacial, por vezes impedem a produção de fala inteligível, além disso, dificuldades de memória de curto prazo e de memória fonológica prejudicam o uso da linguagem oral. Tais sintomas devem ser considerados quando se deseja estabelecer relações de linguagem oral na SD¹⁶⁻¹⁹, o que também pode explicar a preferência pelo meio gestual.

Estudos afirmam que crianças com SD utilizam por um período mais longo os gestos, com o objetivo de serem melhor compreendidas pelo interlocutor. Os gestos em crianças com desenvolvimento típico surgem como apoio na transição da elaboração de frases mais complexas, influenciam o desenvolvimento lexical e sintático da linguagem oral. Em crianças com SD parece acontecer o contrário; vocalizações e palavras surgem como apoio linguístico à expressão gestual que elas possuem^{6,7}.

É fato que o sujeito com SD apresenta déficits na linguagem receptiva e expressiva. Estudos apontam que tais dificuldades de linguagem não são totalmente contabilizadas pelo atraso cognitivo presentes na SD. Algumas evidências demonstram que o bom desempenho dessas crianças no vocabulário receptivo pode ser decorrente das habilidades não verbais desenvolvidas. Crianças com SD apresentam erros na fala, muitas vezes incomuns, além dos muitos erros já esperados no desenvolvimento. A causa do distúrbio de fala na SD, para alguns autores ainda não está totalmente esclarecida. Estudo acredita em uma desordem multifatorial na SD em relação à fala, o que sugere que cada indivíduo é único¹⁸.

Em seguida ao meio comunicativo “gestual”, o meio comunicativo “vocal” foi o mais utilizado pelas crianças com SD. A ininteligibilidade de fala das crianças com SD pode ser considerada como um dos possíveis fatores responsáveis pelo uso do meio comunicativo “vocal”. Questões orofaciais, alterações no sistema estomatognático, hipotonia muscular, dificultam a produção e articulação correta dos sons da língua. Por essas questões, crianças com SD tendem a utilizar as vocalizações em complementação ao gesto, no intuito de serem compreendidas^{6,18}.

A média de atos comunicativos por minuto encontrada está adequada com o que o teste sugere como ideal para idade, tanto em relação às mães quanto em relação às crianças deste estudo. Segundo as referências do teste para crianças acima de 60 meses de idade, a média de atos comunicativos por minuto é de oito atos. Neste estudo encontra-se uma média de 10 atos por minuto. Para adultos o teste sugere 10 atos e, neste estudo, emergiu uma média de 12 atos por minuto. Este item nos fornece dados quantitativos que não predizem sobre a qualidade da interação e da troca comunicativa. Esse resultado permite verificar a interação entre os interlocutores em relação ao tempo do início e término desta. Os meios comunicativos e as funções comunicativas utilizadas serão analisados por outros itens do teste que proporcionarão uma visão mais qualitativa da interação.

As iniciativas comunicativas das mães para com os filhos, de acordo com a análise do perfil funcional da comunicação realizada, foi composto predominantemente pelas funções comunicativas de: “pedido de ação”, “pedido de informação”, “comentário”, “reconhecimento do outro” e “nomeação”. O uso dessas funções demonstra a tomada de iniciativa na interação, ou seja, as mães muitas vezes iniciaram a troca comunicativa. A função de “pedido de ação” inclui pedidos de ajuda e ações que envolvem outra pessoa e um objeto, isso demonstra que demasiadas vezes as mães solicitaram alguma ação aos filhos. A função de “pedido de informação” é utilizada quando se deseja ter informações de um objeto e ou evento. Esse dado reforça a ideia de que as mães solicitavam por diversas vezes à criança. Atitudes como estas, nesta amostra, demonstram uma tentativa das mães em ajudar os filhos em atividades que elas supõem que os mesmos não serão capazes de concluir. Estudos demonstram que a fala materna

se modifica dependendo do desenvolvimento cognitivo dos filhos. Tendo a SD como sintoma de deficiência intelectual, mães de crianças com SD tendem a direcionar os filhos. Esse tipo de conduta pode levar as mães, em alguns episódios, a impedir que os filhos finalizem uma tarefa ou manifestem algo de interesse próprio¹².

A função comunicativa de “comentário” nesse grupo de mães evidencia-se, predominantemente, por emissões para chamar a atenção dos filhos para o objeto ou evento que era de interesse das próprias mães. Em alguns momentos, tratava-se de situações envolvendo a própria brincadeira desenvolvida entre mãe e filho.

Também houve frequência no uso da função comunicativa de “reconhecimento do outro” por parte das mães deste estudo. Essa função representa atos ou emissões para obter atenção do outro ou indicar o reconhecimento de sua presença. No contexto estudado, detecta-se o uso dessa função como indicação do reconhecimento da presença do outro ali. O objetivo era prolongar ou reafirmar a comunicação, não no sentido de, efetivamente, interagir. Segundo estudiosos da linguagem, poder-se-ia classificar o uso dessa função como função fática. As emissões, vocalizações e mesmo os gestos são usados apenas para manter a comunicação entre os interlocutores, e não para, de fato, informar significados²⁰.

Nas mães observa-se o uso da função comunicativa de “nomeação” com frequência importante. O uso dessa função neste estudo demonstra um modelo focado na nomeação de objetos sem contextualização. Nota-se uma preocupação materna em ampliar o vocabulário das crianças, como se dessa maneira favorecessem mais o desenvolvimento da linguagem de seus filhos⁶.

As cinco funções comunicativas mais utilizadas pelas crianças foram: “reconhecimento do outro”, “comentário”, “jogo”, “exploratório” e “expressão de protesto”.

A função comunicativa de “reconhecimento do outro” no grupo das crianças foi expressa predominantemente por atos para indicar a presença do outro, no caso a mãe. Na literatura estudada observa-se que essa função é frequentemente observada nessa população. Neste caso, foi possível analisar que o uso da função apareceu para manter a interação, mas não aparece como forma dinâmica em busca da interação²⁰.

A função comunicativa de “jogo” surge nesse grupo como atividades organizadas, envolvendo brincadeiras ou auto-estimulação por tempo prolongado, sem inclusão do outro na atividade. A função “exploratória” também aparece com frequência no grupo, sendo expressa por ações de investigação de objetos. Em alguns momentos, após exploração dos brinquedos, as crianças solicitaram às mães auxílio quando encontravam dificuldades no manuseio do brinquedo. Observa-se que as mães apenas foram requisitadas para auxílio em situações problema de interesse da criança. Não se detectou, com a mesma frequência, a procura da criança pela mãe para uma interação efetiva numa brincadeira.

A função de “expressão de protesto” apareceu com frequência no grupo estudado, refletindo resistência das crianças em realizar atividades solicitadas pelas mães. Estudo mostra que correlações inapropriadas na interatividade da comunicação modifica o uso dos meios e funções comunicativas. A interferência familiar não apropriada pode alterar as respostas das crianças, e justificar o desempenho comunicativo dos sujeitos²¹.

No estudo em questão, observou-se uma tendência a pouca ou nenhuma utilização das funções comunicativas de “narrativa” e “pedido de rotina social”. Pode-se considerar que tais funções comunicativas, citadas como funções interativas, demonstram conhecimento e domínio de determinadas habilidades de linguagem. O locutor, ao utilizar essas funções, identifica e direciona a sua atenção para um interlocutor usando artifícios linguísticos importantes e aguarda sua resposta, mantendo, dessa maneira, uma interação mais produtiva. O uso da função de “narrativa” emergiu em uma pequena parcela do grupo estudado. Já a função de “pedido de rotina social” não foi utilizada por nenhuma das crianças nem adultos deste estudo. Artigos que realizaram a mesma avaliação pragmática, em crianças com SD e em populações semelhantes observaram que essas funções foram também, de fato, pouco utilizadas. Dados como estes remetem à reflexão sobre a qualidade da interação comunicativa e da brincadeira propriamente dita, visto que a função de “pedido de rotina social” envolve ações de jogo conhecidos e rotineiros das crianças e familiares²².

Estudos relatam que as famílias de crianças com SD, são frequentemente cobradas a auxiliar no desenvolvimento e desempenho de seus filhos. Muitas vezes, tal cobrança vem por parte de

profissionais da área da saúde ou da educação que lidam com essas crianças, e baseiam suas cobranças em suas expectativas. Porém, não se deve deixar de considerar as dificuldades que as famílias já vivenciam pelas complicações diárias da SD¹³.

A intervenção com crianças com dificuldades de linguagem e intelectual deve incluir os pais para que estes auxiliem no favorecimento do desenvolvimento dos filhos. A intervenção naturalista se apoia na hipótese de que os adultos, na interação com as crianças que estão aprendendo a comunicar-se, utilizam de modo natural uma série de estratégias que interferem positivamente na aquisição da linguagem. Sugere-se que as intervenções com as crianças com alterações no processo de aquisição da linguagem baseiem-se numa maneira natural de uso da linguagem. É necessário focar em um modelo de intervenção no qual a criança comunique aquilo que, de fato, quer, tornando-se um sujeito criativo e dono de uma linguagem própria^{23,24}.

Conclusão

O perfil comunicativo das mães de crianças com SD permitiu concluir que há um uso maior do meio verbal e de funções comunicativas diretas da mãe sobre o comportamento linguístico infantil. Observa-se que o perfil comunicacional materno se modifica diante a dificuldade linguística de seu filho. As crianças apresentaram pouca emergência do uso das funções comunicativas de “narrativa” e de “pedido de rotina social”. Observa-se predominantemente no perfil comunicacional infantil deste estudo o uso do meio gestual, e uma menor ocupação de turnos comunicativos pelas mesmas.

Após a descrição detalhada dos atos e funções comunicativas de mãe e filho, espera-se que este material forneça informações para a estruturação de uma intervenção mais apropriada, com a elaboração de estratégias adequadas. Orientações terapêuticas devem ser dadas com muita cautela, uma vez que podem ser mal interpretadas, ou desconsiderar a história de cada família e de suas dificuldades.

Uma investigação detalhada das reais expectativas familiares em relação às habilidades comunicativas de crianças com SD deve ser realizada, uma vez que tais expectativas interferem na forma como se dão as trocas comunicativas em ambiente familiar e, por vezes, interferem no desempenho comunicativo apresentado pela criança.

É preciso que o terapeuta baseie sua terapia no objetivo de transformar a criança em sujeito pensante, comunicante daquilo que quer transmitir. Essa relação deve ser transferida para a família, para que o mesmo seja feito no meio familiar.

Referências Bibliográficas

1. Silva, MFMC, Kleinhans, ACS. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. *Rev bras edu espec.* 2006; 12(1):123-38.
2. Sheuer CI, Befi-Lopes DM, Wertzner H. Desenvolvimento da linguagem: uma introdução. In: Limongi, SCO. *Fonoaudiologia Informação para a formação – Linguagem: Desenvolvimento normal. Alterações e distúrbios.* Rio de Janeiro: ed. Guanabara Koogan SA; 2003. p.1-18.
3. Zorzi JL. *Aquisição da linguagem infantil – desenvolvimento alterações – terapia.* São Paulo: ed. Pancast; 1993.
4. Ansermet F, Magistretti P. *A chacun son cerveau: Plasticité neuronale et inconscient,* Paris: ed. Odile Jacob; 2004.
5. Guerra GR. Síndrome de Down: aspectos de sua comunicação (apresentação de dois casos). *Temas desenvolv.* 1997; 6(33):12-7.
6. Cunha EP, Limongi SCO. Modo comunicativo utilizado por crianças com síndrome de down. *Pró-Fono.* 2008; 20(4):243-8.
7. Limongi SCO, Mendes AE, Carvalho AMA, Do Val DC, Andrade RV. A relação comunicação não verbal-verbal na síndrome de Down. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2006; 11(3):135-41.
8. Silva NLP, Dessen MA. Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. *Rev Psicol: Reflex Crit.* 2003; 16(3):503-14.
9. Niccols A, Atkinson L, Pepler D. Mastery motivation in young children with Down's syndrome: relations with cognitive and adaptive competence. *J Intellect Disabil Res.* 2003; 47(2):121-33.
10. Chapman RS. Desenvolvimento da linguagem em crianças e adolescentes com síndrome de Down. In: Fletcher P, MacWhinney B (Orgs.). *Compêndio da linguagem da criança.* Porto Alegre: ed Artes Médicas; 1997. p. 517-33.
11. Mc Guinness D. *Cultivando um leitor desde do berço: A trajetória de seu filho da linguagem a alfabetização.* Rio de Janeiro: ed. Record; 2006.
12. Silva MPV, Salomão NMR. Interações verbais e não verbais entre mães-crianças portadoras de Síndrome de Down e entre mães-crianças com desenvolvimento normal. *Estud Psicol.* 2002; 7(2):311-23.
13. Casarin S. O ciclo vital da família do portador da síndrome de Down: dificuldades específicas. *Rev Temas sob desenvolv.* 1997. 6(33):18-28.
14. Fernandes FDM. Pragmática. In: Andrade CRF, Befi-Lopes D, Wertzber HF, ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2 ed Rev ampl e atual. Barueri: ed Pró Fono; 2004. p.77-89.
15. Voivodic MAMA, Storer MRS. O desenvolvimento cognitivo das crianças com síndrome de Down à luz das relações familiares. *Psicol Teor Prat.* 2002; 4(2):31-40.
16. Porto E, Limongi SCO, Santos IG, Fernandes FDM. Amostra de filmagem e análise da pragmática na Síndrome de Down. *Pró Fono.* 2007; 19(2):159-66.
17. Almeida FCF, Limongi SC. O papel dos gestos no desenvolvimento da linguagem oral de crianças com desenvolvimento típico e crianças com síndrome de Down. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2010; 15(3):458-64.
18. Cleland J, Wood S, Hardcastle W, Wishart J, Timmins C. Relationship between speech, oromotor, language and abilities in children with Down's syndrome. *Int J Lang Commun Dis.* 2010; 45(1):83-95.
19. Seung HK, Chapman R. Sentence memory of individuals with Down's syndrome and typically developing children. *J Intellect Disab Res.* 2004; 48(2):160-71.
20. Chalhub S. *Função Fática.* In: Chalhub S. *Funções da linguagem.* 8ª edição. São Paulo: ed. Ática; 1997. p. 28-30.
21. Soares EMF, Pereira MMB, Sampaio TMM. *Habilidade pragmática e síndrome de Down.* *Rev CEFAC.* 2009; 11(4):579-86.
22. Cervone LM, Fernandes FDM. Análise do perfil comunicativo de crianças de 4 e 5 anos na interação com adulto. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2005; 10(2):97-105.
23. Rio MJ, Grácia M. Intervención naturalista en la comunicación y el lenguaje para familias de niños pequeños con síndrome de Down, *Rev Sindr Down.* 2000; 17-1(64):2-14.
24. Spinelli M. *Pensando a linguagem.* In: Oliveira SL, Parlato EM, Rabello S. (orgs). *O falar da linguagem.* São Paulo: ed Lovise; 1996. p. 17-23.

Recebido em março/13; aprovado em outubro/13.

Endereço para correspondência

Letícia Viana Pereira. Endereço: Rua Joanésia, 492, apto 03. Bairro Serra - Belo Horizonte - MG/Brasil

CEP: 30240-030

E-mail: leka_viana@yahoo.com.br